

**Inéditos**

## A LONGA NOITE DE UM MENOR ABANDONADO

*Yeda S. Santos* \*

Estava frio. Meu corpo tremia, sem forças para afastar a lágrima. Naquele momento, não saberia me mexer na direção certa. Envolto em panos molhados, chorei o mais alto que pude, foi pouco. O coração batia forte, o estômago doía a ferroadas constantes. Tinha fome. Chorei tanto que paralisei. Ninguém apareceu e a mistura de cores e formas, por minutos, me entreteve. Muitos odores, todos ruins. O local era úmido, apavorante. Alguma coisa se mexia levemente abaixo, elevando meu corpo de tempos em tempos. Não havia como me defender; braços e pernas não obedeciam à minha perplexidade. Estava fraco.

Olhando o escuro sem nada ver, senti-me totalmente vazio. Eu era apenas parte daquelas coisas mal cheirosas. Repentinamente, tomado por uma lembrança rápida e frágil, percebi que o frio havia passado. Dois braços me afagavam, enquanto um líquido quente combatia as ferroadas que atacavam meu estômago. Acalmei. Começamos a andar - eu e aqueles braços - até encontrar a lata de lixo onde me colocaram. O frio voltou, acordei. Abri os olhos cercados por paredes fétidas, o vazio refez-se.

Dejetos de todo tipo cobriram-me, não agüentei. Imobilizados, já sem vida, os olhos paralisaram. Permaneci por várias horas como se olhasse o nada, mas havia substituído o breu da vida pela luz opaca e branca que me cobriu e aqueceu. Caminhei em sua direção, deixando pelo caminho toda a sujeira. Pude sorrir pois renascia ali, junto daquela luz. Estava aquecido. Não me sentia só, era forte agora. Nem a fome ou a dor me incomodavam. Olhei para trás, num relance vi moscas pousarem sobre meu rosto. Os bichos que antes me ergueram levemente, aproximaram-se. Eram ratos que farejavam meus olhos ainda abertos. Ficariam ali a desfrutar do limitado espaço reservado à rudeza que impede a luz, até me consumirem por completo.

---

\* Yeda S. Santos é Jornalista Especializada em Políticas e Estratégia pelo Núcleo de Análise Interdisciplinar em Políticas e Estratégia (NAIPPE), da USP.

## EMBRULHADO PARA PRESENTE

Yeda S. Santos

A enorme caixa de presente incomodou a multidão que disputava a São Silvestre, comemorando o final de ano. Confeccioná-la exigiu muito papelão, metros de fita, papel de presente, onde Sávio alojaria o corpanzil. Daria a si mesmo de presente à cidade e, animado dentro da estranha vestimenta, manteria os braços esticados para fora, como se voasse enquanto corria. Mãos enluvadas, membros apoiados por longa estrutura horizontal, davam elegância ao traje.

Correr na São Silvestre era um sonho antigo e, desta vez, a inspiração juntou-se à oportunidade. Cidadão acima de qualquer suspeita, trabalhava duro, cumpria as leis, ganhava pouco. Resumia-se, portanto, em excelente presente à cidade, pelo empenho em tentar alcançar o sucesso. Rosto colorido por maquiagem pesada, chapéu de arlequim, amarrou a imensa embalagem na capota do carro e foi para a avenida. Short e camiseta para suportar forte calor, tênis apropriados a percorrer longas distâncias, teve a caixa presa à guarita, ao entrar no estacionamento. Alisou o leve amassado, chamando a atenção de curiosos que previam sua intenção de correr com tudo aquilo, mas não se importou. Afinal, no pelotão liberado da São Silvestre convivem as mais estranhas figuras. Com a faixa numerada já fixada sobre enorme laço de fita, resolveu ir ao banheiro pois, depois de vestido, seria impossível fazer certos movimentos, sem provocar danos irreparáveis.

Encostou a caixa numa das unidades sanitárias instaladas para o evento, e logo ouviu vozes indagando sobre presença tão inusitada. Abriu a porta e deparou-se com garotos que tentavam subtraí-la, mas, assustaram-se e deixaram-na cair com o laço voltado para o chão. Sávio apressou-se em limpá-la e, finalmente, vestiu-a. Nada o faria desistir de dar-se de corpo e alma à sua cidade natal. Voaria Consolação abaixo, Brigadeiro acima, com os olhos úmidos de emoção.

Calor infernal, incorporou-se ao divertido grupo, ouvindo piadinhas, acenando a todos. O suor começou a escorrer e suor, quando atinge os olhos, arde que só! Impossibilitado de usar as mãos, por conservar os braços esticados e imóveis, pediu ao cidadão ao lado, vestido de noiva, o favor de enxugá-lo. Com má vontade, o "noivo" passou um pedaço da vasta saia sobre o rosto suado, levando boa parte da maquiagem. O presente ficou esquisito.

Sob sol inclemente, continuou aguardando a largada, enquanto suas mãos espalmadas disponíveis eram apertadas, sem que tivesse qualquer controle sobre isso. A massa humana em movimento favorecia rápidas mudanças de cenário: esbarrou num nariz recém-chegado; numa boca na altura certa; num olho distraído.

Os competidores tentavam ajustar-se ao espaço ocupado por Sávio e nem todos levaram na brincadeira; houve quem visse, aí, atitude provocativa. Ao virar-se para ver se

havia muita gente no bloco, deu um tapa no rosto ao lado e na cabeça à frente, ao mesmo tempo. Quiseram que se retirasse. Tentou sair tão discretamente quanto possível, encontrou novas resistências, teve de retornar. Nesse momento, foi dada a partida e ele, eufórico, tropeçou num dos descontentes. Envolvido pela gargalhada do público que ali se coloca todos os anos, Sávio rasgou a caixa, deixando restos pelo chão. De volta ao estacionamento, sentou-se no meio-fio, desiludido, para refletir sobre as dificuldades enfrentadas por cidadãos comuns interessados em implementar ações divertidas e ingênuas. De repente, despertado pela garra e pela persistência decidiu: no próximo ano se vestiria de "Torre". Ao menos assim - mantendo íntegra a homenagem - ocuparia menos espaço

## O PIOR DO CARNAVAL É A DISPERSÃO

Yeda S. Santos

Empregada doméstica, Gildete nunca mede esforços para cumprir todas as tarefas. Sai da periferia cedo, carregando sacola, enfrenta o trem lotado e, depois de viajar mais de uma hora em pé, inicia os afazeres, sem descanso. Às vezes, só se senta para almoçar. Depois de comer, Gildete sente muito sono. Por isso, precisa vencer forte indisposição diária para cumprir a outra parte da jornada. Esta falta de ânimo já provocou até perda de emprego. Está sempre muito cansada. Afinal, “entra ano, sai ano, a lida não muda!” A única diversão é a escola de samba do bairro, à qual dedica-se com orgulho. Aplicada, logo decora o samba-enredo e, basta que lhe dêem o modelo, confecciona a própria fantasia. Este ano estava fácil: Gildete foi para a avenida quase nua, como um dos destaques. A moça sonha com o dia em que ficará famosa, retratada em capas de revistas. Colorida e enfeitada, sorriso largo, ninguém vai acreditar.

Gildete fez desse desejo seu segredo mais íntimo e esforçou-se por alcançá-lo. Para manter a forma, come muito pouco e, talvez, sinta tanto sono porque trabalha muito e alimenta-se mal. Que importa? Precisa fazer bonito na avenida. Não poderá esquecer-se de dar atenção aos fotógrafos, pois eles escolhem as melhores garotas. Nos ensaios de final de semana, sente-se bem disposta. Duro é agüentar o dia-a-dia do trem lotado, com aqueles engraçadinhos que molestam mulheres trabalhadoras. Gildete se dá ao respeito. Levará roupa para a volta do desfile, na mochila do vizinho também integrante da escola. Dia e hora marcados, lá está ela, vestida em duas tiras minúsculas de strass, plumas, longas botas, chapéu enorme e brilhante. Na concentração, onde a escola se prepara, só esperança. Coração batendo forte, a agremiação é chamada pelos microfones, começa o desfile. Gildete se transporta para o espaço reservado ao seu sonho. Gira em torno dele, vibra, abre os braços para a platéia, sente que os aplausos são para ela. Percorre a avenida sem cometer um erro sequer. Percebe o sinal de positivo do chefe de ala. Repetido inúmeras vezes até a Dispersão, o samba vai morrendo, o grupo se desfaz. Suados e cansados, os componentes abraçam-se, comemorando o trabalho bem feito. Sentam-se, comentam, riem, bebem.

Gildete bebe uma cerveja e, mais uma, por insistência do vizinho, que elogia sua boa forma física. Agradece mas não está interessada, quer ir embora. O cansaço e o sono voltam a abatê-la. Pede ao rapaz a roupa que deveria ter trazido, mas é avisada sobre seu desaparecimento. Ele alega tê-la deixado em local seguro mas, quando foi conferir, não mais encontrou a mochila usada diariamente, que lhe fará muita falta. Tomada pelo desespero, Gildete considera-se incapaz de permanecer na plataforma à espera do trem para casa, encarar as pessoas, entrar no vagão quase nua. Comunica tal preocupação ao vizinho que se oferece para acompanhá-la.

Assediada por onde passa, percorre o trajeto até a estação constrangida. Naquele momento, odeia o vizinho. No trem, senta-se num canto, tentando manter-se tão isolada quanto possível, embora não possa evitar todos os olhares. O sono é mais forte, Gildete adormece. Quase uma hora mais tarde, acordada pelo rapaz, desce. Despedem-se. Na tarde do dia seguinte, movimentação incomum concentra-se diante de sua casa. Vários homens juntam-se para zombar de revista que traz notícias sobre o Carnaval. A amiga, companheira de desfile, vem contar: Gildete está na capa, ela viu, está bem ali. Incrédula, mas antevendo o prazer do sonho realizado, corre até o grupo, arrebatada o periódico. Depara-se com figura desgastada, cabelos cobrindo parte do rosto, boca aberta, dormindo a sono solto, joelhos separados, maquiagem borrada, um desastre. Trêmula, sem poder acreditar nas circunstâncias que a tornaram famosa, arrisca olhar o vizinho que, provavelmente, tenha visto tudo. Ele disfarça, vira-se para o lado, enquanto Gildete lê, com tristeza, manchete com os seguintes dizeres: "O pior do Carnaval é a Dispersão".